

A ESCULTURA BAIANA NO SÉCULO XVIII

Maria Helena Ochi Flexor / mhoflexor@gmail.com

Desde meu ingresso na Universidade Federal da Bahia, tanto na Faculdade de Arquitetura quanto posteriormente na Escola de Belas Artes, como professora de História da Arte, sempre me intrigou a grande quantidade de imagens associadas a determinadas invocações e a limitada iconografia religiosa do século XVIII na Bahia. Participando de Grupos de Pesquisa, busquei entender essa discrepância, propondo algumas explicações transitórias. De um lado, para compreender a razão por trás da vasta quantidade de imagens e, de outro, para demonstrar que a dimensão simbólica da imaginária pode ser vivenciada como uma experiência cotidiana materializada. No contexto da Bahia e do mundo católico em geral, a produção abundante de imagens de vulto e formas tradicionais de piedade evidenciou o culto às imagens e a proliferação das Irmandades e Ordens Terceiras. A Contrarreforma e o Concílio de Trento enfatizaram a proliferação de imagens como multiplicadoras da fé, presentes em diversas formas tanto em espaços civis quanto religiosos, especialmente nas procissões, como manifestações públicas e coletivas de religiosidade.

PALAVRAS-CHAVE: Escultura baiana; Século XVIII; Religiosidade; Imagens de vulto